

ONDE O CÍRCULO DE BAKHTIN E PÊCHEUX SE ENCONTRAM: *DIALOGIZANDO AS TEORIAS*

*OÙ LE CERCLE DE BAKHTINE ET PÊCHEUX SE RENCONTRENT: MISE EN
DIALOGUE DES THÉORIES*

Luís Fernando Bulhões Figueira¹
Rossana Martins Furtado Leite²

Resumo: Neste artigo, buscamos delinear a similaridade epistemológica que encontramos nas obras de Michel Pêcheux, teórico da Análise de discurso francesa, e do Círculo de Bakhtin, no que diz respeito a suas teses sobre a língua(gem), a ideologia, o discurso e o sujeito. Sem desconsiderar as singularidades de cada teoria, nosso foco foi atestar a proximidade dessas duas vertentes epistemológicas, principalmente quanto à concepção da ideologia como elemento constitutivo da linguagem e fundadora da subjetividade. Assim, pudemos evidenciar também, através do cotejo dos postulados das duas correntes teóricas, como são compreendidos em ambas os processos de reprodução-transformação dos discursos, das ideologias e das subjetividades.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin; ideologia; Michel Pêcheux

Résumé: Dans cet article, nous avons cherché à établir la similarité épistémologique entre les oeuvres de Michel Pêcheux, théoricien de l'Analyse de discours française, et du Cercle de Bakhtine, en ce qui concerne leurs thèses à propos de la langue/du langage, de l'idéologie, du discours et du sujet. Sans mépriser les singularités de chaque théorie, notre but a été d'attester la proximité de ces deux courants épistémologiques, surtout par rapport à la conception de l'idéologie en tant qu'élément constitutif du langage et fondateur de la subjectivité. Ce faisant, nous avons également montré, à travers la comparaison des postulats des ces deux courants, comment y sont compris les processus de reproduction-transformation des discours, des idéologies et des subjectivités.

Mots-clés: Cercle de Bakhtine; idéologie; Michel Pêcheux.

Introdução

“Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência” (Marx *apud* Silva, 2013, p. 76).

Neste número especial, em homenagem ao prof. Dr. João Bôsco Cabral dos Santos, professor titular da Universidade Federal de Uberlândia, dedicamo-nos a explorar as relações epistemológicas entre duas correntes de pensamento que tanto

¹ Professor Adjunto do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES): luisfernandobf@gmail.com

² Professora da rede pública do estado do Espírito Santo, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES): rossanafurtado@hotmail.com

influenciaram o pensamento e a obra de João, nos âmbitos do ensino, da pesquisa e da prática política. Certamente, Bakhtin e Pêcheux, ao lado de Paulo Freire, constituem três de suas maiores influências.

Nesse sentido, o intuito deste estudo é apontar e discutir algumas convergências entre as teorias materialistas de Michel Pêcheux (fundamentada na filosofia de Louis Althusser), e do Círculo de Bakhtin, no que concernem aos constructos teóricos sobre a linguagem, o discurso e a ideologia. A questão central da ideologia aflora-se de forma diferenciada nas obras desses autores, contudo os pontos de partida, ao que nos parece, fundam-se sobre pressupostos análogos.

Acreditamos ser possível estabelecer pontos de contato se partirmos da posição de que, acima de tudo, as duas vertentes teóricas pensaram sobre ideologia e sobre discurso a partir da noção marxista de luta de classes e investigando as relações entre a superestrutura e a infraestrutura das formações sociais.

É sabido que os cronotopos de Pêcheux e do Círculo de Bakhtin são distintos: enquanto o Círculo desenvolveu seus pensamentos em uma época de revolução na Rússia, de ascensão do Socialismo, nas décadas de 1920 a 1960, os franceses se encontravam no contexto dos anos 1960/1970/1980, conjuntura marcada pelos acontecimentos de maio de 1968, pela ascensão e crise do estruturalismo, assim como pelas idas e vindas da esquerda político-partidária francesa.

Nossa abordagem aqui parte do princípio de que é possível perceber muitos embriões nas discussões das obras do Círculo de Bakhtin do que viriam a ser pontos centrais para a aventura teórica de Pêcheux, sobretudo no que se refere à(s) ideologia(s) como elemento fundante da linguagem, das subjetividades e das práticas discursivas. Do mesmo modo, acreditamos que o processo de transformação via ideologia do cotidiano em Bakhtin pode ser aproximado do processo de transformação em Pêcheux, concebido mediante as noções de contradição, heterogeneidades, ordinário do sentido, domínios não logicamente estabilizados, entre outros.

Mesmo que o francês não tenha de início se embasado nos russos, sabemos – por referências presentes nos textos *Remontemos de Foucault a Espinosa* (PÊCHEUX, 1990) e *A língua inatingível* (GADET; PÊCHEUX, 2004) - que houve por parte de Pêcheux uma leitura interessada pelas obras de Volóchinov. Escolhemos discutir essa

questão não apenas sob a ótica de Bakhtin, já que coadunamos com a teoria de que todas as obras do Círculo parecem vir de discussões em conjunto, pois há uma semelhança muito grande não só entre as teses desenvolvidas nas obras de cada um dos pensadores russos membros do grupo, mas até mesmo entre as terminologias empregadas por esses pesquisadores em suas publicações.

Como metodologia de pesquisa, utilizamos o levantamento bibliográfico de algumas obras que consideramos importantes na linhagem de ambas as correntes teóricas. Para alcançar nosso objetivo, trazemos citações dessas principais obras, para serem analisadas e comparadas. Acompanhando as citações, realizamos nossas análises e comentários. Na medida do possível, também, buscamos exemplificar de modo a corroborar nossa discussão. Sabemos que estamos adentrando em um terreno árido, mas esperamos trazer à luz um olhar singular sobre a aproximação dessas duas teorias marxistas a respeito da linguagem.

Ideologia e ideologias

A ideologia permeia toda a sociedade, não sendo distintiva para cada classe em particular. Ela se embrenha e perpassa por todas as classes e grupos sociais, dando forma e conteúdo (formação ideológica e discursiva para os autores franceses; horizonte social ou organização social para os russos) para a sociedade em geral. Cada classe e/ou grupo social vai absorvendo a ideologia de forma diferenciada, mas não de forma dicotômica, uma vez que sempre há contradições. Inclusive a esse respeito, Paulo Freire (1987, p.17) já nos alertava que “os oprimidos (...) “hospedam” ao opressor em si”. Sendo, ao mesmo tempo, lugar da repetição (mesmo) e da transformação (outro), afetada pelo trabalho das contradições históricas, a ideologia é sentida, aceita/rejeitada, reproduzida e transformada como ressonância de práticas sociais (para além das ideias).

Ponzio (2016, p. 114) afirma que não há uma definição categórica do termo *ideologia* nas obras do Círculo de Bakhtin de forma bem explícita, salvo numa nota de rodapé do ensaio de Volóchinov “O que é a linguagem” que diz: “Por ideologia entendemos todo o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que se sucedem no cérebro do homem, fixados por meio de palavras, desenhos,

esquemas ou outras formas sýgnicas” (2013, p. 138). O conceito se encontra diluído nas páginas de cada obra em meio as teorizações, uma vez que a questão da ideologia permeia todas as elaborações teóricas do Círculo, ao se pensar que o discurso precisa ser estudado em seu acontecimento social, histórico e ideológico: é o discurso tido como acontecimento na concretude das relações intersubjetivas.

Assim, a questão da ideologia para o Círculo de Bakhtin é basilar no sentido de que os sujeitos são constituídos pela linguagem e a linguagem é ideológica por natureza. Todo signo é ideológico por possuir uma significação que representa e substitui algo que se encontra fora dele, e acaba por refletir/refratar a luta de classes e as condições de produção de uma determinada época com seus interesses contraditórios. O signo se materializa na exterioridade e é nela que ele produz seus efeitos de sentido, daí a tese da exterioridade sýgnica, tão cara aos teóricos do Círculo. O signo funciona como um mediador social, sua essência se dá no processo de interação entre sujeitos, na cadeia ininterrupta da criação e da compreensão ideológica. “O campo ideológico coincide com o campo dos signos” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93), que pode refletir uma realidade, refratá-la, distorcê-la ou ser mais ou menos fiel a ela. Com essas afirmações, podemos perceber que a ideologia não é, para o Círculo, algo que os sujeitos dominem, no sentido de serem senhores dela, mas algo que entrelaça a realidade com a linguagem.

Para essa vertente, a palavra é o signo ideológico mais expressivo, pois ela se torna o material simbólico que irá povoar a personalidade interior e a consciência singular subjetiva. Segundo Volochinov (2017, p. 311), “não é a palavra que expressa a personalidade interior, mas a personalidade interior que é uma palavra externalizada ou interiorizada”. Como é nas relações sociais, ou seja, na interação entre os sujeitos sociais, históricos e ideológicos, que uma palavra adquire sentido, então, mesmo o pensamento interior é encarnado pela materialidade exterior da qual ele se imbui.

Volóchinov (2017, p.98) propõe que “A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação sýgnica, determinadas diretamente por todo o conjunto de leis socioeconômicas”. A infraestrutura está na base de todo fenômeno ideológico, e esta base é refletida e refratada na superestrutura, num movimento ambivalente.

Para Pêcheux (1995), a materialidade concreta da instância ideológica são as formações ideológicas, constituídas por práticas e representações (imaginárias). E são justamente essas forças - que estruturam as relações de desigualdade-contradição-subordinação, funcionando no interior do “todo complexo com dominante” das formações discursivas - que vão interagir com a luta de classes, determinando a filiação a ideologias (dominantes ou dominadas), mas sempre em relação às outras ideologias que compõem uma formação social dada.

E ao destacar as “condições ideológicas da reprodução/transformação das relações ideológicas”, Pêcheux propõe que a ideologia não é o único fator determinante da reprodução/transformação das relações de produção de uma formação social, já que as condições econômicas (infraestrutura) são as que oferecem as bases dessas relações e, conseqüentemente, oferecem as condições para sua reprodução/transformação “em última instância” (PÊCHEUX, 1995, p. 143).

Se, por um lado, Pêcheux considera a questão da transformação tanto do ponto de vista da infraestrutura econômica quanto do ponto de vista da superestrutura ideológica, por sua parte, o Círculo de Bakhtin também concebe a possibilidade da transformação social, dada a instabilidade do que é teorizado como *ideologia do cotidiano*, aquela que se encontra nas relações estabelecidas no dia a dia dos sujeitos. Ela é definida como:

[...] todo conjunto de sensações cotidianas – que refletem e refratam a realidade social objetiva – e as expressões exteriores imediatamente a elas ligadas. A ideologia cotidiana dá significado a cada ato nosso, a cada ação nossa e a cada um de nossos estados "conscientes". Do oceano instável e mutável da ideologia afloram, nascem gradualmente as inumeráveis ilhas e continentes dos sistemas ideológicos: a ciência, a arte, a filosofia, as teorias políticas (VOLÓCHINOV, 2013, p. 151).

Uma vez que é na infraestrutura que se estabelecem as relações sociais, a transformação à qual o pensador francês se refere, também é percebida por Bakhtin (2017, p. 88) ao afirmar que “No seio da ideologia do cotidiano é que se acumulam aquelas contradições que, após atingirem certo limite, acabam explodindo o sistema ideológico oficial”. Portanto, além das relações econômicas vivenciadas na base, a ideologia do cotidiano também influencia o movimento das superestruturas ideológicas.

A luta de classes atravessa tanto o processo de reprodução como o de transformação das relações de produção. Baseados em Althusser, podemos dizer que a ideologia é disseminada/absorvida pela sociedade através dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), que são múltiplos – religioso, familiar, jurídico, político, cultural etc. – de forma heterogênea e ligada à luta de classes, diferentemente do Aparelho de Estado que age predominantemente sob a forma de coerção: “O que distingue os AIE do Aparelho (repressivo) do Estado, é a seguinte diferença fundamental: o Aparelho Repressivo do Estado “funciona através da violência” ao passo que os Aparelhos Ideológicos do Estado “funcionam através da ideologia” (ALTHUSSER, 2003, p. 69).

Sendo assim, entendemos que a ideologia do cotidiano alimenta os AIE, se encontra disseminada pelos sujeitos sociais que ocupam esses aparelhos, sob diferentes óticas e horizontes sociais. E aquelas que sobressaem, isto é, as ideologias dominantes, acabam por abafar momentaneamente as dominadas, sustentando o poder simbólico. Apenas quando ganham força no cotidiano e encontram nele o adubo para crescerem e se fortalecerem é que há uma mudança na ordem simbólica, como foi a abolição da escravidão ou a conquista de direitos políticos pelas mulheres, para citarmos dois exemplos.

Pelo exposto acima, percebe-se que não se pode falar apenas em Ideologia em geral, mas sim em ideologias, já que além da ideologia dominante, há outras ideologias que circulam nas relações sociais. Como sugere Pêcheux (1995, p. 144-145), não há uma relação de antagonismo entre duas ideologias adversárias sendo a mais forte a vitoriosa, pois isto apagaria a luta de classes em todos os seus momentos contraditórios. Só é possível que a luta continue a partir de uma rede de contatos entre ideologias de diferentes formas (como um espectro que viria da “mais” dominante até a “mais” dominada), disseminadas heterogeneamente por meio dos AIE, nos quais a ideologia dominante se sobressai: eles são o “palco de uma dura e ininterrupta luta de classes” (ALTHUSSER, 2003, p.106). Se estes aparelhos funcionam por intermédio de práticas nas quais os discursos se destacam, isso nos incita a ponderar que o discurso também é palco para esta luta, fomentada pela base econômica, como sugere Volochínov (2017).

Os AIE funcionam como lugares de práticas ideológicas. Pensemos no aparelho “partido político”, como exemplo. Nos diversos partidos há igualmente uma diversidade

de ideologias que se materializam nas práticas discursivas de seus membros. E não pensemos que cada partido tem a *sua* ideologia com a qual todos os seus membros compartilham de forma homogênea, já que dentro de cada partido há convergências e divergências ideológicas: “Vamos apoiar tal medida!”, “Não vamos apoiar tal medida!”, “Apoiaremos a medida se...”; além das disputas entre os diferentes partidos. Esse movimento se estende à população em geral (ou a uma grande parte dela), que também é afetada por esse aparelho ideológico na constituição e expressão de seus posicionamentos, seja quando se filia a um partido, seja quando adere a suas mobilizações, seja na adesão a suas propostas nas conversas do dia a dia: “Será que esse Projeto de Lei vai passar?”, “Não acredito que tal partido tenha aderido à essa reforma!”.

Podemos, então, considerar que existem três níveis de ideologia atuantes nos AIE. Para especificar esse ponto, continuaremos considerando o partido político como exemplo do funcionamento de um AIE.

O primeiro nível da ideologia é o mais instituído, ou melhor, institucionalizado, por representar a ideologia oficial do partido (que supostamente representa(ria) uma caracterização coerente e homogênea do partido em seus documentos oficiais); o segundo nível é um pouco mais instável, onde a heterogeneidade e a divergência interna já se manifestam mais explicitamente (debates entre os membros do próprio partido, por exemplo) - esse segundo nível é capaz de provocar mudanças efetivas no aparelho em questão; e o terceiro nível, ainda mais fluido, mais sujeito a transformações, é a ideologia vivida pelos sujeitos em seus cotidianos, atravessada por outras ideologias, e que muitas vezes está presente nos discursos interiores dos sujeitos (aquilo que um membro do partido, por exemplo, não consegue externar, seja por “medo” da repressão, seja por não ter ainda uma consciência mais concreta do que está em seu pensamento). Remetemos o segundo e o terceiro níveis da ideologia, que agem como força de insubordinação/contradição de forma a atuarem como transformadores da ideologia instituída, aos níveis superior e inferior da ideologia do cotidiano, conforme concebida por Volochinov (2017).

A ideologia constituída e enformada é a ideologia oficial que se sobressai como a ideologia *do* partido político. O nível mais elevado da ideologia do cotidiano, ou seja,

“onde o discurso se materializa com facilidade e se converte livremente como discurso exterior” estaria nos debates entre os membros do partido; e os níveis inferiores da ideologia do cotidiano seriam aqueles que habitam os pensamentos mais íntimos dos sujeitos (inclusive em um nível subconsciente ou inconsciente).

A ideologia do cotidiano, portanto, é “todo o conjunto de vivências da vida e expressões externas ligadas diretamente a elas” (VOLOCHINOV, 2017, p.213). Considerando que a consciência individual adquire sua força nas relações interindividuais, é a vivência que nutre a consciência individual e a imbui de sentido através do simbólico, dos acentos ideológicos que se dá a depender do horizonte social em que nos inscrevemos. Assim, em nossas relações subjetivas mais simples do dia a dia, em nossos discursos interiores ainda em busca de/em luta por um molde ideológico que seja aceito, experienciamos a ideologia do cotidiano em seu nível inferior. Quando partimos para relações já mais estabilizadas e organizadas, “aquelas que se encontram em contato direto com os sistemas ideológicos”, ou seja, as camadas superiores da ideologia do cotidiano, percebemos mais fortemente a luta de classes e as ressonâncias ideológicas presentes na sociedade (VOLOCHINOV, 2017, p. 213-215):

Antes de conquistar seu espaço na ideologia oficial organizada, as novas forças sociais emergentes primeiramente encontram expressão e acabamento ideológicos nas camadas superiores da ideologia do cotidiano. É claro, no processo de luta, no processo de penetração gradual nas formações ideológicas (na imprensa, na literatura, na ciência), essas novas tendências da ideologia do cotidiano, por mais revolucionárias que sejam, sofrem a influência de sistemas ideológicos já formados, assimilando parcialmente as formas acumuladas, as práticas e as abordagens ideológicas (VOLOCHINOV, 2017, p. 215)

Ousamos pensar que a ideologia do cotidiano transita nos AIE e, ao atingir uma certa estabilização, pode tornar-se a ideologia “oficial” (isto é, hegemônica, dominante) em um dado AIE, seguindo o raciocínio que fizemos sobre os três níveis da ideologia anteriormente. É válido lembrar que, apesar de a obra do Círculo dar mais ênfase a questões ideológicas ligadas à consciência individual (o sujeito com seu discurso interior e exterior) na maioria de suas argumentações, essa consciência está sempre em relação com a classe/grupo social em que está inserida, ou seja, a ênfase ideológica de determinada classe/grupo é que determina os efeitos de sentido dos discursos.

A ideologia da classe dominante se torna dominante por que se realiza de forma majoritária nos AIE, e quando há uma troca de classe dominante, há também uma troca de discurso nos AIE, fazendo prevalecer as práticas discursivas que validam a ideologia da classe que assume o lugar de dominação. E quando dizemos “prevalecer” é porque nos AIE circulam várias ideologias, sendo que as relações das forças centrípetas e centrífugas (empregando termos do Círculo de Bakhtin) serão determinantes para colocar no centro as práticas da ideologia dominante. Se os AIE não funcionassem como o “palco de uma dura e ininterrupta luta de classes” (ALTHUSSER, 2003, p.106), não poderíamos falar em “ideologia dominante”, pois ela seria unívoca.

Na verdade, podemos pensar que as forças centrípetas agem a favor da reprodução das relações de produção e que as forças centrífugas agem a favor da transformação destas relações. Há “relações de contradição-desigualdade-subordinação”, e cada AIE tem sua especificidade e seu campo de atuação (região), o que lhes propicia um maior ou menor grau de participação neste processo.

Observamos na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, uma visão similar à ideia de predominância da ideologia da classe dominante e o apagamento das relações de contradição, a partir das reflexões feitas da seguinte passagem:

Mas justamente aquilo que torna o signo ideológico vivo e mutável faz dele um meio que reflete e refrata a existência. A classe dominante tende a atribuir ao signo ideológico um caráter eterno e superior à luta de classes, apagar ou ocultar o embate das avaliações sociais no seu interior, tornando-o monoacentual.

[...] Em condições normais da vida social, essa contradição (dialética interna) contida em todo signo ideológico é incapaz de revelar-se em absoluto, pois na ideologia dominante o signo ideológico é sempre um pouco reacionário, uma espécie de tentativa de estabilizar o momento anterior do fluxo dialético da formação social, ou seja, de enfatizar a verdade de ontem como se fosse a verdade de hoje. Isso determina a particularidade do signo ideológico de refratar e distorcer a realidade dentro dos limites da ideologia dominante (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 113-114).

Para falar dos efeitos de sentido que as palavras/discursos produzem, o Círculo usa a ideia da entonação, do acento que se dá à palavra no momento da enunciação. E se o signo se torna monoacentual ao apagar ou ocultar os embates das lutas de classes, é porque ele é reacionário e “assume” o efeito de sentido pretendido pela classe dominante, o qual se sobressai dentre os demais. Podemos dizer então que o Círculo

também coloca a questão de a classe dominante prevalecer sobre as dominadas. A contradição que está contida no signo ideológico é a contradição que circula nas práticas discursivas intersubjetivas realizadas nos campos das atividades humanas (religioso, político, escolar, familiar - que aqui aproximamos da concepção dos AIE) nas quais a ideologia dominante adquire um “caráter eterno e superior à luta de classes”, ou seja, ela é dissimulada como se fosse a verdade a ser aceita – “a verdade de ontem como se fosse a verdade de hoje”. A contradição é possível porque o signo não só reflete (reprodução/paráfrase), mas refrata (transformação/polissemia) a ideologia dominante.

A ideologia, assim como o inconsciente, dissimula “sua própria existência no interior mesmo de seu funcionamento”, e têm como efeito ideológico a “evidência” da constituição do sujeito e a “evidência” do sentido, como se a língua fosse transparente. Para Pêcheux (1995, p. 152-153) em todos os discursos encontramos efeitos ideológicos. Neste ponto, vale lembrar que, para o Círculo de Bakhtin, todo signo é ideológico por natureza e a palavra é o mais representativo dos signos por ser um signo neutro, e, portanto, capaz de “assumir *qualquer* função ideológica” (VOLOCHINOV, 2017, p.99). Essa concepção da palavra neutra em Volóchinov se assemelha à concepção do significante sempre-já desprendido de um significado em Pêcheux (1995, p.176). Dessa contraposição, podemos perceber que, para ambas as vertentes, a dimensão sócio-histórico-ideológica é constitutiva das significações.

O esquecimento de que a palavra minha é palavra alheia

Pêcheux considera que no sujeito operam dois tipos de esquecimento ao enunciar qualquer discurso. O esquecimento nº1 é o que remete o sujeito a “esquecer” (ignorar/desconhecer) que a origem de seu discurso não está no interior do sujeito, mas sim no exterior: trata-se da ilusão pela qual o sujeito se acredita como fonte de seu discurso, quando na realidade seu discurso é constituído pela historicidade de discursos-outros que o determinam (o esquecimento nº1 lembra a ideia da formação da consciência individual pelo exterior, colocada pelo Círculo, e que veremos mais adiante).

O esquecimento que Pêcheux chama de nº 2 refere-se ao processo de “escolha” que um sujeito-falante faz das opções dentro da formação discursiva que o domina; trata-se da ilusão pela qual o sujeito acredita que consegue manipular a linguagem e, assim, controlar os sentidos do que enuncia, ignorando (“esquecendo”) a natureza equívoca da linguagem, sua opacidade.

Para Bakhtin, a consciência dos sujeitos é constituída pela ideologia. Nesse sentido, as ideologias (sempre sociais) seriam a substância de cada consciência individual. E a dominância de uma ideologia no sujeito, ou a constituição de sua consciência por uma dada ideologia predominante, ou ainda a *monologização* de uma consciência individual realizam o apagamento dos processos históricos anteriores e exteriores ao sujeito, que determinam não apenas as relações materiais contraditórias de sentidos, mas também a própria fundação do sujeito enquanto ser social.

O que é a consciência de um homem isolado senão a ideologia do seu comportamento? Neste sentido podemos perfeitamente compará-la à ideologia na própria acepção do termo, ideologia essa que é a própria expressão da consciência de classe. Mas não se pode tomar como verdade nenhuma ideologia, seja individual ou de classe, nem acreditar nela sob palavra. A ideologia mente para aquele que não é capaz de penetrar no jogo de forças materiais objetivas que se esconde por trás dela (VOLÓCHINOV, 2017, p. 78).

A partir disso cogitamos que a questão do *esquecimento* considerada por Pêcheux, também foi colocada, a seu modo, por Bakhtin. Para corroborar essa reflexão, trazemos outras citações a seguir:

Esse processo de luta com a palavra de outrem e sua influência é imensa na história da formação da consciência individual. Uma palavra, uma voz que é nossa, mas nascida de outrem, ou dialogicamente estimulada por ele, mais cedo ou mais tarde começará a se libertar do domínio da palavra do outro. Este processo se complica com o fato de que diversas vozes alheias lutam pela sua influência sobre a consciência do indivíduo (da mesma maneira que lutam na realidade social ambiente). Tudo isso cria um terreno propício para provar a objetivação da palavra do outro (BAKHTIN, 1988, p. 147-148).

O processo de esquecimento paulatino dos autores, depositários nas palavras do outro. A palavra do outro se torna anônima, apropriam-se dela (numa forma reelaborada, é claro); a consciência se monologiza. Esquecem-se também as relações dialógicas iniciais com a palavra do outro; é como se elas fossem absorvidas, se infiltrassem nas palavras assimiladas do outro (tendo passado pela fase das “palavras próprias-alheias”). Ao monologizar-se, a consciência criadora é completada com palavras anônimas. Esse processo de monologização é muito importante. Depois, a consciência monologizada

entra com um todo único e singular em um novo diálogo (já com novas vozes externas do outro). A consciência criadora monologizada une e personifica frequentemente as palavras do outro, tornadas vozes alheias anônimas, em símbolos especiais: “voz própria da vida”, “voz da natureza”, “voz do povo”, “voz de Deus”, etc. Papel desempenhado nesse processo pela palavra dotada de autoridade, que habitualmente não perde seu portador, não se torna anônima (BAKHTIN, 2006, p. 403).

Precisamos entender que a monologização é o movimento contrário da dialogização, ou seja, quando Bakhtin diz que a palavra do outro se torna anônima, que a consciência monologiza-se e que se esquecem as relações dialógicas iniciais, é porque o sujeito, ao tomar a palavra, pensa que ela é sua, “esquece” que ela já está imbuída de valor ideológico e coloca-a em sua consciência em relação a si mesma. O falante não percebe que a palavra vem de um outro, não há consciência de que esta palavra pertence a um universo já constituído, é um processo de “esquecimento”. E este processo acontece tanto no nível das palavras do cotidiano, como há também a incorporação de palavras advindas de lugares ideologicamente constituídos mais estabilizados, como a igreja, a ciência, a política, etc., ao que o filósofo russo chama de palavra de autoridade. Somente num segundo momento é que as relações dialógicas retornam na interação interlocutiva. Nessa passagem, pois, Bakhtin sinaliza que o sujeito toma como “sua palavra” a “palavra alheia” num processo de esquecimento que coloca a consciência como monológica (individual), pensando ser sua a palavra do outro. Ao nosso ver, é de forma inconsciente que esse processo se dá, isto é, o sujeito não tem consciência de que está usando palavras alheias, pois ele “esquece” (ignora/desconhece) que todo discurso vem do Outro.

Para exemplificar e deixar mais clara nossa linha de raciocínio, pensemos em um exemplo: um cristão que vai até à Igreja e lá escuta o padre ou pastor falar que “Todos somos filhos de Deus e Ele nos proverá e protegerá!”. Essa fala passa a habitar sua consciência individual pois se afina com suas crenças, com seu horizonte social, com sua formação discursiva. Tempos depois, ao passar por um problema financeiro em casa, ele diz a seus familiares: “Não se preocupem, eu tenho fé e Deus não nos deixará passar dificuldades!”. No momento de sua fala, o sujeito enuncia como se fossem *suas* palavras de conforto para com sua família. É esse processo que Bakhtin parece sinalizar e que o sujeito não tem consciência de que está “tomando” a fala do outro, ele

simplesmente diz o que está em sua consciência individual, naquilo que acredita ser verdadeiro conforme suas inscrições ideológicas. Tal funcionamento nos parece próximo dos processos de esquecimento sinalizados por Pêcheux. Observemos uma outra passagem que se encontra na sequência da obra bakhtiniana:

Só eu me manifesto como um indivíduo criador falante, tudo o mais são apenas condições materiais situadas fora de mim como causas, que suscitam e determinam minha palavra. Não converso com elas – eu respondo mecanicamente, como uma coisa responde a estímulos externos (BAKHTIN, 2006, p. 403).

Consideramos que Bakhtin situa as condições em que o falante se inscreve, esse contexto extra verbal que interfere nas escolhas do sujeito cujas palavras são suscitadas e determinadas pelas condições de produção do discurso (contexto sócio-histórico ideológico). Devido ao esquecimento de que suas palavras são sempre palavras de outrem, o “eu” que enuncia pode julgar que é um ser criador e criativo, falando “suas próprias palavras”. Encontramos vestígios desse processo em fragmentos de outras obras, como em *Teoria do Romance*:

A palavra imerge-se na riqueza inesgotável e na multiformidade contraditória do próprio objeto com sua natureza “ativa” e ainda “indizível”; por isso ela não propõe nada além dos limites de seu contexto (exceto naturalmente o tesouro da própria língua [ser o signo ideológico neutro, capaz de significar muitas coisas]). A palavra **esquece** a história da concepção verbal e contraditória do seu objeto e também o presente plurilíngue desta concepção (BAKHTIN, 1988, p. 87 – destaque nosso).

Sabemos que o Círculo de Bakhtin considera a palavra como o signo ideológico mais representativo pela sua neutralidade e, assim, ela pode assumir diferentes posicionamentos ideológicos dentro das possíveis significações a depender do tom que lhe é atribuído, ou seja, da forma como ela é utilizada a cada enunciado concreto. Quando Bakhtin afirma que a palavra “esquece a história da concepção verbal e contraditória do seu objeto e também o presente plurilíngue desta concepção”, parece-nos lembrar do que Pêcheux (1995, p.160) diz a respeito das evidências ideológicas da linguagem, que apagam o “caráter material do sentido”, isto é, o fato de que os sentidos das palavras (expressões, enunciados, etc.) estão sempre abertos e em disputa pelas diferentes formações ideológicas de uma formação social num dado momento histórico.

Em termos bakhtinianos, podemos compreender a tese pecheutiana do caráter material do sentido como a “riqueza inesgotável” e “multiformidade contraditória do próprio objeto”.

O sujeito, no ato de enunciação, “escolhe” esta e não aquela palavra, determinado pelas formações discursivas que o constituem e o dominam. Tais formações discursivas, intrincadas nas formações ideológicas, possibilitarão ao sujeito encarnar as palavras de sua ênfase ideológica. Para Pêcheux, nesse processo, o sujeito “esquece” sua interpelação pela ideologia e a consequente determinação histórica dos sentidos; para Bakhtin, de certa maneira o processo de esquecimento também ocorre, através da monologização, que apaga as contradições e a polissemia da linguagem na consciência do indivíduo.

O que Bakhtin coloca como a neutralidade da palavra enquanto signo ideológico (isto é, a possibilidade de ela servir a diferentes esferas ideológicas), Pêcheux (1995, p.176) também elabora à sua maneira, quando diz, baseado na teoria psicanalítica, que “*Os significantes aparecem [...] como aquilo que foi “sempre-já” desprendido de um sentido*”. Desse modo, o significante (palavra) terá o seu sentido preenchido de diferentes maneiras, a depender das formações discursivas que determinam o posicionamento ideológico do sujeito na enunciação.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* há também uma reflexão sobre as ênfases ideológicas dizendo que elas, apesar de serem individuais, são ênfases sociais a partir do momento que necessitam do reconhecimento social. “É como se nesse caso elas (as ênfases sociais) se tornassem ênfases individuais, pois a consciência individual une-se de tal modo a elas que parecem pertencer-lhe; sua origem, no entanto, encontra-se fora dela” (VOLOCHÍNOV, 2017, p.111). A nosso ver, não deixa de haver aqui uma sugestão da “ilusão” de que o sujeito acredita ser origem e senhor de seus discursos.

O sujeito e as bases materiais do sentido

Voltando a Pêcheux, a constituição do sentido junta-se à constituição do sujeito pela interpelação ideológica. O efeito retroativo da tese de que “a ideologia interpela o indivíduo em sujeito” é a suposição de que todo o indivíduo seja “sempre-já-sujeito”.

(PÊCHEUX, 1995, p. 153). Como nos ilustrou Althusser (2003), somos interpelados antes de mesmo de nascermos quando a própria instituição familiar já prepara o nascimento, dando um nome à criança – por isso a ideia do “sempre-já-sujeito”. Todo indivíduo, mesmo antes do nascimento, já é falado, significado por discursos outros. Disso decorre a anterioridade dos discursos em relação ao sujeito. Consequentemente os sujeitos somos efeitos dessa historicidade discursivo-ideológica que nos antecede e funda nossa subjetividade.

O funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos do seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas” (PÊCHEUX, 1995, p. 162).

O sujeito de direito é aquele determinado pelas relações sociais jurídico-ideológicas – aquele que é abarcado pelo todo da lei, pela universalidade – “aquele que causar um dano...”. O sujeito ideológico é a reduplicação do “de Direito” e que é “interpelado-constituído sob a evidência da constatação que veicula e mascara a “norma” identificadora: “um soldado francês não recua”. Significa, portanto, que se você é um soldado francês, então já está evidente que você não pode vacilar, não pode desistir. São os efeitos de sentidos produzidos através do processo discursivo³³ que está disseminado nas práticas sociais. Lembrando que “É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão (...)” (PÊCHEUX, 1995, p. 159 - 160).

Quando Volóchinov (2017, p. 95) coloca que “Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação”, na nossa visão é, também, uma forma de interpelação, na medida em que, para Volóchinov, os signos ideológicos constituem a substância (a matéria-prima) da consciência, determinando assim a subjetividade dos indivíduos.

³³ Processo discursivo: “o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre elementos linguísticos – “significantes” – em uma formação discursiva dada (PÊCHEUX, 1995, p. 161).

O caráter material do sentido se dá na dependência constitutiva do “todo complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 1995, p.160). As formações discursivas em que o sujeito se inscreve é que determinam o sentido do *seu* discurso, representando na linguagem suas formações ideológicas. A evidência do sentido é a própria naturalização: se torna natural para o sujeito aquilo que, em contrapartida, também lhe causa o estranhamento do “outro”. Conjuntamente a isso, é próprio de toda formação discursiva dissimular as relações de desigualdade/contradição/subordinação que se instituem no todo complexo das formações ideológicas.

Seu sentido (de uma palavra, de uma proposição, de expressões) se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões, proposições da mesma formação discursiva (PÊCHEUX, 1995, p. 161).

A questão da constitutividade social dos indivíduos (ou o que também podemos chamar de *primado do social sobre o individual*) também é discutida, a seu modo, no Círculo, quando, por exemplo, Volóchinov aponta que, para que um objeto (ideológico) “entre no horizonte social de um grupo e provoque uma reação ideológica sîgnica, é necessário que ele esteja relacionado com as premissas socioeconômicas essenciais desse grupo”, ou seja, este objeto ideológico (e aqui podemos pensar no discurso) passa a ser reconhecido e ter sua existência e significação legitimadas por um grupo/classe social. E ainda sobre isso, Volóchinov diz que não pertence ao sujeito a capacidade individual de instaurar esse processo:

É claro que, nesse caso, o arbítrio individual não pode ter nenhuma importância. Uma vez que o signo é criado entre os indivíduos e no âmbito social, é necessário que o objeto também obtenha uma significação interindividual, pois apenas assim ele poderá adquirir uma forma sîgnica. Em outras palavras, somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se (VOLOCHINOV, 2017, p. 111).

Essas colocações nos fazem pensar que, para o Círculo de Bakhtin, a questão do sujeito como totalmente senhor de suas decisões dentro do âmbito ideológico é relativa. Se cada grupo social percebe os discursos como afinados com suas “bases materiais” (ou seja, com suas posições dentro da infraestrutura) e/ou com seus horizontes sociais (inscrições ideológicas), e que isso é arbitrário ao nível individual, então não é o sujeito

quem define unicamente por si o tom ideológico dos signos, mas sim imprime ao signo um tom a depender do horizonte social (formação ideológica e formação discursiva para Pêcheux) em que está inscrito. Toda voz individual não deixa de ser uma ênfase social, que requer um reconhecimento social, o que, para nós, se aproxima muito da determinação histórica do sentido defendida por Pêcheux. Pensemos a partir dessa citação:

Um tema ideológico sempre recebe uma ênfase social. É claro que todas essas ênfases sociais dos temas ideológicos penetram também na consciência individual que, como sabemos, é totalmente ideológica. É como se nesse caso elas se tornassem ênfases individuais, pois a consciência individual une-se de tal modo a elas que parecem pertencer-lhe; sua origem, no entanto, encontra-se fora dela (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 111).

Em relação à noção pecheutiana de interdiscurso (“todo complexo com dominante” das formações discursivas” (PÊCHEUX, 1995, p.162), encontramos certa proximidade com a ideia dos fios dialógicos tecida pelo Círculo. Todo enunciado se constitui pelas relações exteriores a ele, relações que são construídas dialogicamente nas interações sociais.

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social (BAKHTIN, 1988, p. 86).

Temos aí a relação entre o intradiscurso (o enunciado do um sujeito considerado isoladamente) e o interdiscurso, as diferentes regiões dos “domínios de pensamento” (PÊCHEUX, 1995, p.161) que são recortadas pelas distintas formações ideológicas em concorrência.

Para o indivíduo se constituir como sujeito, “os traços daquilo que o determina” provêm do interdiscurso, constituído pelas formações discursivas que o engendram: o sujeito reinscreve tais traços em seu próprio discurso.

A compreensão está intrinsecamente ligada a algum material sógnico, “a própria consciência pode se realizar e se tornar um fato efetivo apenas encarnada em material sógnico” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95). Forma-se então uma cadeia ideológica que une as consciências individuais por intermédio dos signos ideológicos; são estes que vão

constituir a consciência individual. Não é, pois, a consciência que determina a ideologia, mas exatamente o contrário: é a ideologia que preenche a consciência de materiais sígnicos com os quais o sujeito vai operar em suas práticas discursivas: “Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95).

Em Volóchinov (2017, p. 95) encontramos uma crítica à filosofia idealista e aos estudos culturais psicológicos à sua época porque, “Ao localizarem a ideologia na consciência, eles (os idealistas) transformam a ciência das ideologias em uma ciência da consciência e suas leis, sejam elas transcendentais ou empírico-psicológicas”. Na verdade, é a ideologia que constitui a consciência individual, dando vida a ela através da interação social direcionada pelos interesses emergentes da luta de classes.

Para Volóchinov (2017, p. 98), a ideologia assume o papel de superestrutura que atua sobre a infraestrutura, a base econômica. E ao dizer que “a consciência individual não é a arquiteta da superestrutura ideológica, mas apenas sua inquilina alojada no edifício social dos signos ideológicos”, Volóchinov, em nosso entendimento, remete à ideia de que o sujeito não é a origem da ideologia, e sim que ele é depositário dela, o sujeito habita nesse ambiente povoado de signos ideológicos que vão constituir suas tomadas de posição nas relações de interação social. O autor remete à ideia de transitoriedade-dependência, já que um inquilino não fica *ad aeternum* no mesmo lugar, podendo mudar, transitar por vários espaços, contudo depende dela para habitar o mundo; não há a relação de propriedade: o sujeito (a consciência individual) não é “dono” da ideologia, mas só pode existir no interior dela, ao refletir e refratar o horizonte social de onde enuncia.

O Círculo de Bakhtin confere ao signo o status de ideológico por natureza, e a personalidade interior só existe objetivada e materializada na língua, ou seja, o indivíduo só adquire a condição de sujeito através da ideologia que é inerente à língua(gem). Observemos:

A personalidade subjetiva interior com sua autoconsciência própria é dada não como um fato material, que pode servir de apoio a uma explicação causal, mas como um ideograma (produto ideológico). A personalidade interior com todas as intenções subjetivas, com todas as profundezas

interiores, é apenas um ideologema, e ainda por cima um ideologema impreciso e instável, enquanto ela não se definir em produtos mais estáveis e elaborados da criação ideológica. [...] A língua elucida a personalidade interior e a sua consciência, criando-as, diferenciando-as e aprofundando-as, e não ao contrário (VOLÓCHINOV, 2017, p. 311).

Pensando na tese althusseriana do indivíduo interpelado em sujeito pela Ideologia, a proximidade teórica se dá pelo fato de o sujeito não ser o detentor da Ideologia, mas sim efeito dela, uma vez que é das ideologias que provêm os conteúdos, sentidos, valores, crenças que determinam a forma de o sujeito se comunicar/se posicionar nas situações de interação social.

O pensador russo afirma que “a personalidade subjetiva interior com sua autoconsciência própria é dada não como um fato material, que pode servir de apoio a uma explicação causal, mas como um ideologema” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 311). Se entendemos que “personalidade subjetiva interior” se refere ao próprio sujeito, então, não existe autoconsciência a não ser como um produto ideológico. O sujeito não é um fato material, que se constitui por ele mesmo, senhor de sua consciência, mas um produto das relações intersubjetivas mediadas pelos signos ideológicos, dos quais a palavra (materialidade verbal do discurso) é o mais significativo. Ratificando nosso entendimento, o autor continua dizendo que

A personalidade interior com todas as intenções subjetivas, com todas as profundezas interiores, é apenas um ideologema, e ainda por cima um ideologema impreciso e instável, enquanto ela não se definir em produtos mais estáveis e elaborados da criação ideológica (VOLÓCHINOV, 2017, p. 311).

A língua é o caminho pelo qual o indivíduo (biológico) adentra para se tornar sujeito (social), e a língua/palavra é ideológica por natureza. Vale lembrar que, se para Althusser o indivíduo é interpelado em sujeito pela Ideologia, em Bakhtin, o sujeito só existe pela língua que é o maior e mais representativo dos signos ideológicos. É na língua como arena de luta de classes que a palavra passa da neutralidade para se tornar um produto ideológico significativo a partir da orientação que lhe é dada pelos participantes da interação verbal, a partir de seus respectivos horizontes sociais. Tanto o falante quanto o ouvinte, em um ato de comunicação ativo, vão imbuir o enunciado de

sentido, no processo único e irrepetível da enunciação, a depender de seus posicionamentos sócio-históricos.

Qualquer objeto pode se tornar um signo a partir do momento em que a ele é atribuído um valor, mas a palavra (significante) é opaca e neutra, e seu sentido só pode ser atribuído quando ela é “escolhida” para ser dita e a depender da entoação que lhe é dada (da formação discursiva/horizonte social em que se inscreve o sujeito que a enuncia). Daí ser a língua(gem), no processo comunicativo, o elemento que intermedeia as interações sociais através dos efeitos de sentido.

Conclusão

Percebemos, pois, que as teorias estão se referindo a um sujeito que é efeito, produzido nas/pelas relações interdiscursivas/heterodiscursivas, determinadas pela luta de classes e por outros embates nas relações de poder, seja na base econômica, seja na superestrutura ideológica. Mas nas “escolhas” do sujeito da enunciação, há o esquecimento (ou monologização) da historicidade ideológica da palavra. Contudo tal impressão subjetiva de que podemos determinar o sentido único e evidente das palavras é apenas uma ilusão, provocada como efeito da ideologia: não é possível ter o domínio do sentido, pois este passa a ser efeito das diferentes e divergentes ênfases ideológicas, conforme a tomada de posição do sujeito em relação a seu horizonte sócio-histórico ideológico.

Para ambas as teorias (bakhtiniana e althussero-pecheutiana), uma das formas pela qual a ideologia age no sujeito é através da língua; a palavra não é transparente, ela assume um posicionamento ideológico ao materializar o simbólico; ela é dotada de sentido apenas se considerada a partir da formação discursiva em que o sujeito se insere, ou, se preferirem, ela adquire sentido a depender da ênfase social – do tom – que lhe é dada pelo sujeito.

Interessante ponderarmos que, enquanto para Althusser o indivíduo só se torna sujeito quando interpelado pela ideologia, para o Círculo de Bakhtin, o sujeito só se constitui através da linguagem, considerada pelos russos como o material ideológico *par excellence*. Ora, em que pesem as singularidades de ambas as teorias e seu

distanciamento cronotópico, existe entre elas um ponto de contato incontestado, a partir do momento em que, para as duas correntes teóricas, cada uma à sua maneira, é a ideologia que institui o ser em sujeito.

Uma observação que julgamos interessante retomar aqui é a questão da reflexão e da refração de que fala o Círculo e da reprodução e da transformação de que fala Pêcheux. Para os russos, as forças centrípetas buscam convergir para a supremacia ideológica no cerne social, ou seja, refletir as ideologias (principalmente a dominante) que se encontram na base (infraestrutura), o que para Pêcheux seria a reprodução das condições de produção. Já as forças centrífugas são as formas de luta/resistência que tentam descentralizar/escapular, ou seja, refratam as mudanças sociais, fato que estamos coadunando com a ideia de transformação das condições de produção a que se refere Pêcheux.

Para realizar este trabalho sobre as convergências entre as teorias, nos propusemos a buscar similaridades das teses pecheutianas com os princípios epistêmicos presentes nas obras do Círculo de Bakhtin. Lembramos que ambas são teorias que partem de um mesmo lugar epistemológico, do pensamento marxista, e que, por mais que tenham sido atravessadas por leituras diferentes em suas constituições, têm a luta de classes como pedra filosofal.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). 9ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance*. In: BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e Estética*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010.

_____. *O freudismo*: um esboço crítico. Tradução Paulo Bezerra. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FIQUEIRA, Luís Fernando Bulhões; LEITE, Rossana Martins Furtado. Onde o Círculo de Bakhtin e Pêcheux se encontram: dialogizando as teorias. Dossiê em homenagem ao Professor Dr. João Bôsko Cabral dos Santos. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p. 05-26, 2019. (ISSN: 2317-1006 - online).

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. *Remontons de Foucault à Spinoza*. In: MALDIDIER, Denise. *L'inquiétude du discours: textes de Michel Pêcheux choisis et présentés par Denise Maldidier*. Paris: Cendres, 1990.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 1995.

SILVA, José Otacílio da. *Althusser*. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral. (org.). *Estudos do Discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

_____. (CÍRCULO DE BAKHTIN). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em junho de 2019.

Aceito em agosto de 2019.